

## Artigo: Paradigmas para entendimento e prática de uma missiologia integral que resulta numa evangelização contextual e transformadora

Autor: *Gedeon J Lidório Jr*

Como agir missionariamente numa época tão voltada pra o *intra*, para o *particular*, para as necessidades individualizadas?

O contexto envolvido no “mundo” de hoje, altamente secularizado e hedonista é mais complexo para que a igreja atue do que em outros contextos de missão que ainda permanecem com menor parcela de influência do *gene* da pós modernidade; por isso é necessário empreender uma leitura cultural séria, utilizando-se diversas ferramentas como a Antropologia, Sociologia, Economia, Psicologia, Pesquisas Geocensitárias, História, Marketing dentre outras para estabelecer a base do conhecimento do perfil, mas também da história, da movimentação interreligiosa antes mesmo da desistência da religião ou da não opção por esta. Esta “*leitura deve gerar uma inteligibilidade da vida social*” (BORDIEU: 1963).

Como ser uma igreja *missional* num mundo hedonista e marcado por uma espiritualidade hipócrita e farisaica além de descomprometida com o *outro*? Os desafios que a cultura brasileira impõe sobre a espiritualidade cristã são tremendos principalmente no que tange a separação entre uma espiritualidade sadia e a teologia. Tomás de Aquino, no fim da idade média, propõe que o relacionamento com Deus é algo separado do conhecimento mais intelectual, ou sistemático a seu respeito, levando a teologia para uma categoria que ela nunca pertenceu: apenas de ciência desprovida de relação íntima com Deus e incapaz de provocar no ser humano um avivamento amoroso em relação a Deus. Cria-se então um abismo que gera certo *conforto* na ausência de cobranças sobre a preocupação com a vida e vontade de Deus sobre a minha vida. Deus passa a ser um objeto de

estudo e o relacionamento com ele algo para mentes menos esclarecidas. Esta visão separa inclusive a própria teologia de uma missiologia aplicada ao contexto, porque evoca um conhecimento intelectualizado de Deus e assim, abrindo mão de um entendimento *prático* da aplicação da intimidade com o próprio Deus estudado.

Quero propor algumas *pistas* para um entendimento mais contextualizado da *missão* para que essa compreensão se transforme em guia para uma ação missionária eficaz e eficiente que glorifique a Deus e cumpra sua vontade – isto é missões!

Em primeiro lugar, quero declarar que há uma *guerra* em andamento, uma batalha que está sendo travada e que tem o poder de confundir muitos e levar outro tanto para a oposição de que a batalha realmente exista. Não é uma luta contra *carne e sangue*, mas é uma batalha espiritual – aqui faço devidamente uma ressalva de que por espiritual não quero dizer *astral*, quando “*saímos do corpo*” como se houvesse a possibilidade de uma batalha puramente no mundo invisível – porém, é uma *batalha* visível no dia a dia, participamos dela o tempo todo, sentimos no corpo, na mente e no coração as *setas* vinda do campo do inimigo e é uma luta conta o *mal estabelecido*. Paulo argumenta coerentemente em Efésios capítulo 6 sobre a batalha em que o crente está inserido e diz que lutamos contra os *kosmokratoras* (a expressão que ele usa em Efésios 6.11 e 12 é: “*dominadores deste mundo tenebroso*” que, traduzindo para uma realidade mais próxima do nosso entendimento, seriam aqueles seres que planejam e sabem como fazer o mal, tendo informações detalhadas para um planejamento estratégico do mal que envolve nossas vidas em suas íntimas considerações – são os burocratas do mundo maligno que fazem os planos de destruição de tudo o que é bem sobre a terra trazendo injustiças, desvios, corrupções pessoais e estruturais e tudo o que pode em longo prazo redundar em benefícios para que o mal prevaleça.

Imaginamos que a batalha espiritual aconteça sempre no “mundo espiritual” e então tentamos empreender somente ações espirituais, mas a grande confusão reinante traz justamente um grande mal para a batalha, pois guerreamos a guerra certa com as armas erradas.

Neste contexto de guerra é fácil cairmos em tentação de espiritualizarmos (ou talvez de levarmos a batalha para um terreno onde ela não poderá acontecer) toda a missão que nos está proposta, entretanto, Efésios 6.20 coloca nosso pé novamente no chão e devemos então enxergar corretamente isso – Paulo está numa prisão, algemado, limitado, sozinho, abandonado, se sentindo vil e desprezado – mesmo assim ele deseja sair da prisão para abrir sua boca e proclamar o nome de Cristo entre as pessoas. Isso nos lembra então que a nossa luta não é contra carne e sangue, mas é pela libertação da carne e do sangue – é uma luta contra a injustiça, contra os falsos relacionamentos, contra a deturpação da verdade e conseqüente levante para o erro, contra a falsidade, contra a hipocrisia, e tudo isso num nível muito mais íntimo do que gostaríamos, porque a luta principalmente ocorre e acontece entre as paredes do meu e do seu coração – aí as batalhas são travadas e as vitórias alcançadas e as derrotas vividas.

Não imaginamos que a batalha possa ocorrer desta forma. Imagine que em diversos setores e segmentos da vida humana são atingidos por um mal que os corrompe e por isso pensemos que a nossa ação deve ser de “expurgar” o mal que há nestas áreas. Empreendemos reuniões de oração, palavras de ordem são ditas, decretando a falência do mal e muito mais tem sido feito.

Sinceramente, porém, penso que muito mais precisa ser feito. A sincera vida com Cristo requer mais que isso, mais que palavras, requer mudanças e estas são radicais. Há um conjunto de pessoas em determinado setor – tomemos a política como exemplo. Este setor da vida humana é revestida de regras do jogo, que imperam acima até

mesmo das leis da ética e moralidade. Há uma estrutura em jogo e os jogadores não estão dispostos a abrir mão dos benefícios deste meio de vida. A corrupção muitas vezes é meio de vida. A palavra em grande parte do tempo é apenas uma convenção. A amizade é vista como referência de onde se está e, portanto mutável. A mudança dos ideais tem mais a ver com o que se pode conseguir por isso do que com a defesa de necessidades de uma sociedade que se representa. E muito mais... Com o intuito de melhor tudo isso podemos empreender uma guerra no mundo espiritual, porém somente isso não surtirá efeitos coerentes e duradouros. É preciso juntar forças e estabelecer transformações. Os corações dos envolvidos devem ser transformados. A ética precisa ser recolocada no lugar correto e a palavra tem que valer como sim, sim ou não, não. Para que tudo isso aconteça orações e palavras de ordem somente não bastam – Deus nos fez “sal” e “luz” do mundo não para que gritássemos impropérios conta o mal simplesmente, mas que transformássemos a realidade onde estamos inseridos.

Nossa vida, nossa nação, nosso mundo precisa de ação espiritual de crentes que oram, que jejuam, que se incomodam e choram ante a ação do maligno, mas também de crentes que agem, influenciando pessoas a pensar corretamente, influenciando setores a modificar ações que tendem para o mal, crentes que sejam agentes de transformação de realidades, olhando para o que a Bíblia sempre tem a dizer, formulando e agindo contra toda e qualquer forma de maldade e impiedade.

Oscar Cullmann diz que *“já foi ganha a batalha decisiva. A guerra, porém continua até o dia da vitória”* (Salvation in History, citado no Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento). Esta guerra iremos sempre travar espiritualmente, mas com os pés no chão (leia novamente Efésios 6.20 e veja onde Paulo estava ao escrever sobre este assunto) e nossas ações de santidade valem tanto

quando nossas ações, pois Deus usa de nossas ações para autenticar a verdade que sai de nossos lábios.

O professor Jun Vencer em seu seminário sobre Jeremias 29 (A Transformação da Cidade – material colhido em aula de *pós graduação* na Faculdade Teológica Sul Americana, Londrina, PR) propõe que este mal, estabelecido por Paulo em sua carta aos cristãos de Éfeso e demais igrejas da época, interage e age diretamente nas *estruturas* as quais corrompe e degenera, trazendo dor, maldade, dolo, injustiça e muito mais.

Existem realidades invisíveis e forças espirituais que influenciam eventos históricos, assim estruturas que não são boas ou más, influenciadas por estas *realidades invisíveis* se tornam estruturas demoníacas; de opressão, tirania, medo e injustiças. A evangelização e a vida cristã normal requerem uma igreja que encara o mundo visível com suas necessidades, mas também o mundo invisível que modifica o bem em mal corrompendo as estruturas e agindo diretamente com elas e através delas.

Estes elementos malignos formam uma rede em oposição ao reino de Deus, liderados pelos *kosmokratoras* que citei anteriormente.

Jun Vencer em sua aula na FTSA mostra que o “*mal estrutural*” gasta por ano mais de 9 trilhões de dólares, com financiamentos de crimes, armamentos militares, fraudes financeiras, apostas, crime organizado, alimentos perdidos para pragas urbanas (ratos, por exemplo), tabagismo, sonegação de impostos, drogas ilegais e roubo. Isso é 32% do produto interno bruto mundial. Segundo o professor Jun Vencer se este valor fosse reduzido para 6% sobraria dinheiro para abrigar todos os pobres do mundo com moradia, educação, comida e água.

A pergunta que deve ser feita nesta altura é: Será que ser “sal da terra” e “luz do mundo” se destina somente as tentativas de “salvação de almas” ou será que estas duas condições do cristão, o colocam como um agente de transformação de realidades?

Mesmo entre aqueles que crêem na primeira parte, a salvação de almas para o mundo espiritual requer um entendimento correto do contexto onde estas pessoas estão para que a contextualização do evangelho seja feita e, além disso, o trabalho não será frutífero a menos que a Igreja avance contra as portas do inferno que não resistirão a ação de Cristo que a constrói!

Fazer missões é, de maneira bem simples, cooperar com Cristo na construção do seu Reino – assim, o Reino de Cristo, que é opositor direto do reino deste mundo será fator preponderante para a ação missionária da Igreja e quando esta age, o reino das trevas não prevalece. O prevalecimento deste mal acontece na justa medida em que nos calamos, omitimos nossa vida da vida do mundo pensando que seremos contaminados – o contrário é a verdade: nós fomos chamados neste contexto secularizante justamente para ajudar na transformação desta realidade: isso é missões!

Quero analisar alguns temas importantes para entendermos melhor sobre esta *dominação tenebrosa* de todo um contexto sócio-cultural, olhar de frente estes assuntos e compreender um pouco mais o campo de nossa missão num mundo cada vez mais pós-moderno. Vejamos:

### **O mal na política**

O sistema estruturalmente influenciado e planejado pelo inimigo traz sobre a *política* uma ação de injustiça e opressão muito comum em tantos recantos do Brasil e fora dele. O *mal* também triunfa num planejamento da perda de liberdade básica, mudando para uma

liberdade corporativa, ou seja, somos e fazemos aquilo que se espera de nós, na instituição de uma tirania malevolamente bem conduzida que se traduz em corrupção, dinastias de poder e muito, mas muito nepotismo.

As *estruturas* do poder, da ação governamental e do próprio povo inserido, estão corrompidas e *jazem no maligno*. As leis, as políticas de ação, as constituições tendem a favorecer este ou aquele *gruposamento*, negociando em favor da facilitação para uma melhoria de vida para alguns que detém o poder e a oportunidade de controlarem em detrimento da desgraça e perda de esperança de quem sempre se encontra com as mãos vazias.

A igreja, principalmente a nossa, brasileira, está acostumada a enxergar governo, política e administração estatal como sendo um mal necessário e tem tido a tendência de não enxergar como possível uma transformação nesta área. Muitos cristãos, daqueles que se arriscam a “fazer política” vão para o meio dos “lobos” tão mal preparados, com tamanha sede corporativista para defender os direitos evangélicos que muitas vezes não conseguem transpor a barreira da insignificância política, transformando uma situação difícil em algo pior, onde os votos e as ações são para um grupo, beneficiando poucos em detrimento de muitos e assim, não conseguem ser suficientemente sal e luz para transformar esta área tão importante da nação.

Alguns outros, pensando na política apenas partidária, nem sequer notam que a verdadeira arte da *política* está em se colocar em lugares onde as decisões ocorrem como é o caso dos *conselhos* que atuam na cidade, nos estados e em todo o país. Os conselhos, as associações, as representações tudo isso é o que podemos fazer, como cristãos, mesmo que não sejamos “políticos profissionais”, eleitos e pagos, para que a justiça e o reino de Cristo venham em primeiro lugar, para que todo o restante seja acrescentado.

## O mal na cultura social

A secularização e decepção com o *sagrado* têm gerado um contexto de extrema instabilidade, muita alienação e falta de esperança na sociedade moderna (pós-moderna?). O *racismo* cresce a cada dia munindo também um *classismo* criando verdadeiras *castas* sociais, buracos na *camada* de vivência sócio-cultural através de uma discriminação generalizada, onde os que têm sobrepujam os que não têm e os que *são* muitas vezes esquecem-se de realmente **ser!** Os *vícios* têm alienado milhões, causado não só uma dependência, mas a necessidade de conhecer novas formas *alienantes*. A *criminalidade*, que para muitos é “*fruto de uma sociedade corrupta e corruptora*” avassala principalmente as grandes cidades, mas não deixa de estar presente até em sociedades mais ou menos rurais, gerada pela *iniquidade* que transparece não como mal, mas como *libertação de uma vida repressora da religiosidade*. A *imoralidade* grassa em meio à comunidade, família e vida, causando *erosão* nos valores e princípios antes marcadamente estabelecidos. O crescimento da (ou descobrimento de...) *escravidão* em vários cantos e recantos no país nos leva a pensar nas *prisões* onde homens e mulheres, culpados e inocentes, convivem na maior escola de criminalidade que o ser humano criou – as *cadeias*. As artes, o entretenimento, a literatura estão tremendamente contaminados com *obscenidade*, destruição de valores antes estabelecidos e marcas (e marcos!) hoje mal definidos. Na saúde, o ser humano inserido na sociedade moderna, luta contra grandes epidemias como AIDS e outras, mas também contra a injustiça do próprio sistema que beneficia, exclui e danosamente leva para uma sobrevida aqueles que não possuem.

A igreja brasileira sofreu durante bastante tempo com esta exclusão da cultura própria da sua prática religiosa, como se tudo o que fosse genuinamente brasileiro fosse carnal, pecaminoso e contaminante. Na década de 50, violão não era *instrumento* de adoração, mas de boemia; a guitarra instrumento do Diabo, o “pai” do rock; a bateria

trazia desarmonia ao culto como barulho inadequado; as palmas e alegria não deviam ser demonstradas com muito ênfase, devido a emocionalismo em excesso... e assim, as músicas, o ritmo, a vida, os costumes, as muitas manifestações culturais eram tidas (e ainda são nos dias de hoje em muitas lugares!) como demoníacas.

O evangelho é *supracultural*, ou seja, ele é aplicável a qualquer pessoa em qualquer contexto cultural e isso deveria servir para nós como bússola para uma igreja evangélica culturalmente definida e socialmente relevante.

Como seria a cara de uma igreja genuinamente brasileira?

### **O mal na religiosidade**

O ser humano moderno, vivendo sobre a égide do hedonismo extrai daí o *relativismo*, pois transforma todos os seus parâmetros em meras referências *religiosas* que necessariamente não tem a ver com a vida comum. O senso comum da vida religiosa tem sido modificado alterando o centro dela – a *divindade* não está mais no centro, no lugar da adoração, mas a necessidade pessoal, individual assume o controle. Os *fiéis* se transformam em meros clientes, ora satisfeitos, ora não, e assim modificam o *status* da religião e a coloca como *produto a ser consumido* – daí, a *idolatria* toma lugar, onde sou eu o centro da religião e não aquele ser que eu deveria adorar. Qualquer coisa que retire Deus do centro da vida é idolatria. A espiritualidade toma conta até mesmo da vida *agnóstica*, pois o que vale é ter *fé*. A fé simplesmente como fim em si mesma – a *fé na fé* – *apegue-se a sua fé*, diriam alguns. A sensação da perda de uma religiosidade mais profunda leva o ser humano moderno para o *ocultismo* e *nominalismo*; perguntas sem respostas, formalismo religioso, legalismo e várias formas de tradicionalismo religioso levam a incoerência e muitas vezes até a *violência*, perseguição, desprezo, afastamento e reclusão. A religião tem sido em diversos sentidos uma

das formas de opressão do ser humano, onde Deus é substituído por tiranos que se auto intitulam *governantes* com uma nova visão a ser implantada.

A intimidade com Deus está sendo substituída por um conceito de “comunhão desprovida de relacionamento profundo”, uma espiritualidade aproveitadora e utilitarista, onde Deus é o “grande provedor”.

O cristianismo e a cristandade cada dia mais estão separados e parece não tão distante o dia em que as palavras do apóstolo João no Apocalipse, em que Jesus, do lado de fora, bate na porta e diz querer ter comunhão com sua igreja, mas este nem o percebe. Parece que estamos criando um *cristianismo* onde Cristo não é mais o centro, mas o ser humano e suas necessidades.

### **O mal na economia**

Dinheiro e materialismo, exploração, trabalho injusto, ganância, usura, trabalho infantil, consumismo excessivo, massificação da pobreza e tantos outros fatores são drasticamente o retrato da sociedade atual, onde um abismo se abre entre as classes sociais.

O dinheiro, a própria Bíblia adverte, não tem mal em si, mas o amor por ele trará males que mascara a prosperidade com a capa da elegância e da bênção. O dinheiro gira a produção e a produção move o mundo como o conhecemos e este *mover* é um trator que nivela e estraçalha a vida, transformando uma paisagem ondulada, cheia de entradas e saídas numa grande avenida asfaltada, sem vida, sem esperança. As formas de opressão, de maus tratos e de renovadamente *inventar* maneiras de roubo, desvio e corrupção tem sido grandes marcas do mal que está por trás destas estruturas, gerando incertezas, modificando a esperança em alienação e tirando a cor da própria vida.

## O mal na mídia

A *mídia* é orientada para o negócio, ou seja, o dinheiro, fama e *status* é o que conduz as escolhas e demonstrações, exposições e omissões. Ela, a *mídia*, tem um papel importante na formação do povo brasileiro, que facilmente aprende com histórias, com *narrativas*. A condução das *tramas* é um legado da audiência, onde se põe e se dispõe de maneira direcionada, pela oscilação de público. A condução das ideologias se torna uma ferramenta de controle vital e aumento e disseminação de uma sensualidade exageradamente aberta, além de que tudo parece favorecer o *rico*, o poderoso.

A mídia não é um “demônio”, mas é constantemente demonizada e tem o intuito de moldar o pensamento para gerar um estímulo que leve ao consumo, a libertinagem, a necessidades que nem sonhávamos em ter e soluções para estas que foram criadas.

## O mal na educação

A educação tem se tornado um palco de *neutralidade* de valores, sem realmente querer influenciar de modo positivo nem negativo e assim então acaba transformando *estudantes* e *educadores* em peças comuns de um maquinário tremendamente pesado e indolente, trazendo sobre uma letargia fora do comum, uma acomodação e deficiência na *acertividade* e condução de vidas de maneira ativa. É unilateral o ensino, numa *filosofia educacional secularizada* que traduz um racionalismo científico que busca um sucesso individualista favorecendo o secularismo, a decepção e o desprezo pelo que é comunitário trocando tudo por um *corporativismo* que favorece o *rico*, o influente, o tirano.

## **O mal na ecologia**

O *desmatamento* e a condução dos ecossistemas são o fruto de abuso dos recursos naturais que levam a desastres naturais, onde a natureza apenas responde diante de tamanho desprezo e falta de respeito e cuidado. A atmosfera poluída favorece a disseminação de doenças piorando a qualidade de vida daqueles que optam pelas grandes cidades.

## **O mal na personalidade e na alma do ser humano**

Todas as ações maléficas que citei acima, nas áreas de convivência e necessidades humanas engendram a má formação da personalidade humana; não são causadoras, mas o pecado que invade a vida e alma do ser humano o coloca naturalmente ao lado do mal – na queda fizemos uma escolha, escolhemos a independência de Deus e assim uma vida que vai na contra mão de sua vontade. Portanto, todas estas estruturas são movidas por pessoas e pessoas caídas.

## **O mal na família**

O propósito divino para a família, de fazer com que o ser humano experimentasse o mais alto ideal de união, comparável por Paulo a união de Cristo com a Igreja, quando ele fala da relação existente entre o marido e a sua mulher se perde ao caírem nos nossos primeiros pais e parece a nós, olhando do prisma do pecado e da sujeição de nossas vontades à carne e aos desejos, que a família não é mais uma idealização correta e boa para o ser humano. Casamentos mal resolvidos, uniões mal construídas, relacionamentos que se *quer* mais e não se *dá* mais, maridos que não querem ser *homens* e mulheres que não desejam mais o ser *feminino*, como se a diferença fosse gritantemente errada, pois o mundo moderno quer ver a “igualdade” não na conformação cada qual com sua personalidade, mas no traçar de um ideal de massificação da sexualidade e todos

precisam, a custo de não reter suas pessoas, serem iguais, eliminarem as *diferenças*, como se estas interferissem no relacionamento, criando seres *andróginos*, desprovidos de beleza única e transformando a família – uma união de diferentes para a glória de Deus – em um conglomerado de decisões sutis e psicologicamente pensadas para que cada um exerça seu papel na engrenagem, sem falhas, sem perdas, sem defeitos – como se fosse possível! Diante deste ideal criado por uma sociedade “moderna” o ser humano se vê fracassado ante o paradigma que tenta quebrar, pois há uma impossibilidade em nos transformar na imagem do outro – Cristo quer, desde a muito tempo, desde a criação, nos transformar na **sua** (do próprio Deus!) imagem e semelhança.

A perda do ideal familiar em detrimento de uma felicidade ganhada a custa de muita negação; a destruição dos paradigmas da educação de filhos, onde estes se tornam mandantes na estrutura familiar e seus desejos precisam a todo custo serem supridos; a crescente e avassaladora transformação de família em *fragmentos* e estes pedaços não são peças que se encaixam, mas que tentam, sem saber porque e como, sobreviver por si só.

Toda esta visão deve gerar em nós compaixão e este amor direcionado transformado em ações práticas de nossa parte. Aí entra o *testemunho* da Igreja, de cristãos que, entendendo sua realidade sabem o que devem fazer.

## **O testemunho**

Paradigmas não devem ser entendidos como apenas uma situação a ser quebrada, mas como um modelo para decisões posteriores e podemos então falar que é um modelo de interpretação – interpretação do mundo que nos cerca, das suas estruturas e das ações que ousamos ter.

A pergunta inicial precisa ser respondida todos os dias: como ser um povo missionário em meio a um mundo tão secularizado e que tem as suas estruturas modificadas pelo pecado, pelo mal, pelo inimigo?

Quais implicações estes paradigmas trarão sobre a vida que tenho diante de Deus, no dentro do corpo de Cristo e no meio do mundo?

### **Mateus 5.13 – “Vós sois o sal para a terra” – a integralidade da missão**

A mensagem de Jesus em seus sermões do monte explicita seu desejo para com seu povo e a missão designada para eles – que vão e dêem fruto e o fruto permaneça, porém mais que regras ou mandamentos estes princípios revelados nos discursos do Mestre demonstram a vontade de Deus da restauração e reconciliação consigo mesmo de todas as coisas. A partir da idéia do “sal da terra” Jesus estende o plano da redenção a toda criação (e não apenas o ser humano!), por isso, o “sal da terra” necessita ser entendido como “sal *para* a terra”, de maneira mais inclusiva, que abrange não somente a proclamação do Evangelho de salvação para o ser humano, mas a integração da vida do povo do reino com a restauração e reconciliação de todas as coisas com Deus, tanto na apresentação de uma mensagem salvadora como na prática de cuidado integral, na atuação de soluções para os problemas humanos, seus males, seus conflitos, seus psiquismos, suas alienações – este é o ministério dos súditos do Reino de Deus. Ser sal para a terra é *abençoar a criação* e não apenas *salgá-la* para não apodrecer; é *dar novas possibilidades* e não apenas dar sabor diferente. A santidade está implícita neste ensino, pois, se o sal para a terra vier a ser desqualificado para nada mais presta senão permanecer onde está, mas sem o propósito de abençoar – o sal então passa a ser apenas *terra*, lugar pra se pisar, fica sem sua função inicial – a de fazer diferença no lugar onde se está colocado. Ser sal para terra, portanto, é glorificar o nome de Deus através de uma vida qualificada e transformadora, uma vida que se insere no contexto da

própria criação, alcançado-a e trabalhando em sua restauração e reconciliação com Deus e tudo isso sem perder o sabor, sem perder a vida, sem perder a fidelidade para com o Senhor.

### **v.13 – “*Vós sois o sal para a terra*”**

*Vós sois o sal para terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens.*

Não há de se entender Redenção ou mesmo a Missão ou sua ação missionária essencial na evangelização sem que se atente para o plano geral (e maior!) de Deus em relação a todas as coisas criadas: a expectativa da Revelação de Deus é fazer o ser humano entender que tudo foi criado com um propósito que é de *dar glória a Deus* e não apenas o ser humano. Tendo então a criação como um todo o objetivo de glorificar o nome de Deus, é necessário pensar na função da Igreja em *salgar a terra* de maneira mais inclusiva do que existe hoje, talvez até mesmo numa digressão, estabelecer novos conceitos pelos quais fortalecer a fé e despertar ações a caminho de uma vida cristã mais autêntica, holística e em consonância com o plano e propósito de Deus para a própria criação.

Em Gênesis 1.26 a 2.17, enxergando o texto pela ótica da Missão de Deus, podemos destacar alguns pontos:

A humanidade criada foi feita à imagem e semelhança do seu Criador (v.26 e 27), foi **abençoada** por Deus (v.28) e Deus mesmo diz que tudo foi criado perfeito e bom (v.31); nas palavras de Derek Kidner “abençoar não é só conferir uma dádiva, mas também uma função (conforme 1.22; 2.3) e é dessa função que estamos pensando aqui neste texto. (1985, p.16).

Qual o objetivo da natureza? Ela foi criada por Deus para manter e preservar a vida do ser humano – “*todas as ervas... de toda a terra... todas as árvores... todos os animais da terra... todas as aves do*

*céu... todos os répteis da terra... lhes será por mantimento”* (v. 29-30). Para sua própria preservação, a humanidade recebe de Deus a *bênção*, ou seja, a *bênção funcional* de cuidar de toda a natureza – *“Deus... colocou (o ser humano) no jardim... para o cultivar e o guardar”* (v.15).

A preservação mútua da vida – da humanidade e de toda a criação além de serem interdependentes faz parte do plano do Senhor para que a sua glória venha a ser manifestada – ou seja, para que a Missão de Deus seja cumprida por ele mesmo.

Com a queda a terra se torna *maldita* (Gênesis 3.17) por causa do pecado, mas mesmo após a queda enxergamos nos relatos que Deus permanece ligado ao seu propósito primeiro: glorificar o seu nome através do seu plano com a criação. Deus re-estabelece esta verdade em Noé – *“Estabeleço a minha aliança convosco (com o ser humano)... para perpétuas gerações”* (Gênesis 9.9-12).

Depois da generalizada corrupção do ser humano que tem por fim a história de Noé (Gênesis 6 a 9) e com a ampliação da corrupção em Babel (Gênesis 11) Deus espalha as famílias pela terra (Gênesis 11) e chama a Abraão, para que o povo formado através dele fosse *bênção* para *“todas as famílias da terra”* (Gn 12.3); Deus não mudou seus planos e continua com o mesmo propósito: abençoar a humanidade com sua manifestação, revelação e bondade para que a sua glória seja manifesta e toda a terra seja invadida com a sua glória.

Os verdadeiros filhos de Abraão (Jesus declara que são aqueles que são chamados pela fé como o crente Abraão) agora são denominados pelo próprio Senhor de *“sal da (para) terra”* (Mateus 5.13). Analisando exegeticamente este versículo chegaremos a uma conclusão no mínimo espantosa. Vejamos:

O sal, referindo-se provavelmente ao cloreto de sódio retirado de perto do Mar Morto, um pó branco que muitas vezes permanecia misturado a outros produtos, era conhecido de qualquer um dos

ouvintes de Jesus. Fala-se muito das propriedades *preservadoras* do sal ou mesmo da função de dar *sabor* às comidas. O contexto da análise lingüística, porém, sugere que antes de mais nada se deve levar em conta a “propriedade *estimulante* do sal, como fertilizante. Esta idéia é mais edificante do que atrasar a putrefação. Jesus não veio para evitar que o mundo entrasse em putrefação, mas, sim, para salvá-lo (João 3.17) e dar vida em abundância” (DITNT, 1983, p. 332-338). Encontramos ainda que o sal deve ser encarado aqui como “*condimento que tem a função de ressaltar a qualidade do alimento ou do solo*” (1983, p. 332-338).

A melhor tradução da frase seria, portanto: “Vós sois o sal *para a terra*”, pois *a terra* (*tes ges – grego Koinê*) está como genitivo objetivo indicando que o sal da questão deve ser pensado como *propriedade para a terra*.

A palavra *terra* (ge) aqui empregada denota mais a questão geográfica do que política e geralmente é utilizada para distinguir o *céu* (ouranos) da *terra* (ge), obviamente diferente de *mundo* (*kosmos*) onde a ênfase são as pessoas, ou o lugar de habitação delas, num significado mais religioso ou filosófico.

Juan Mateos argumenta que *moiranô* (falando sobre o sal se tornar insosso) refere-se a Mateus 7.26, principalmente na questão de ser *néscio* aquele que ouve as palavras de Jesus e não as pratica. Assim, “a comunidade que em sua prática trai a mensagem não tem nenhuma razão de existir” (1983, pg 62, 63).

Orlando Boyer diz que Jesus “proferiu estas palavras afastado das multidões (cf Mateus 5.1), mas com o alvo de abençoá-los por intermédio daqueles a quem ensinava” (1969, p.84), seus discípulos.

Sendo que Deus tem a sua Missão (*glorificar o seu nome*) e tem um povo da Missão, seus discípulos, desde o princípio, quer seja na criação, no mandato cultural, nas alianças, no chamado de Abraão, na vinda de Jesus, na formação da Igreja ele continua querendo a

mesma coisa: que nós, os que foram separados por ele e para ele e que somos constituídos de material diferente da terra que nos cerca (o sal é uma substância diferente da terra) precisamos exercer a função de salgar a terra, **abençoando** e não apenas dando sabor, ou preservando-a da podridão. É necessário ser mais *positivo* no alcance do sal para a terra, pois o que está implícito no texto é justamente a produção de vida que depende da utilização do sal corretamente, sem sujeiras que possam desqualificá-lo.

Então, ser *sal para a terra* tem uma resignificação a ser feita: ser sal é ser mais que um pregador, é ser mais que um defensor da sã doutrina, é ser mais que um apologista de Deus, é ser mais que um denunciador profético dos males e corrupções do mundo, é ser mais, muito mais; é ser alguém comprometido com o Reino de Deus de maneira que as ações de salgar a terra perpassem a nossa própria conduta como servos do Reino e nossas ações sejam inclusivas e não exclusivas. É ser ativo no compromisso com a restauração da vida e não somente com a pregação de um evangelho alienante que só faz sentido dentro das quatro paredes das igrejas. É enxergar os sinais do reino de Deus, dentro e fora da igreja e persegui-los, e quando os alcançar promovê-los para que o Reino de Deus seja ampliado e as bênçãos deste reino alcancem o que Deus planejou alcançar deste o princípio: toda a sua criação sendo restaurada para a glória dele mesmo.

Que Deus nos ajude a encontrar na vida de Cristo em nós a condição verdadeira de sermos sal para a terra e luz para o mundo!

-----  
\* Gedeon J Lidório Jr é pastor e missionário presbiteriano e atua como professor de Antropologia e Missões na Faculdade Teológica Sul Americana em Londrina, PR.